

## Publicar: é Desgastante, mas Vale a Pena

Quando somos comunicados da aprovação de um "abstract" submetido a um congresso médico de renome, nos sentimos "os conquistadores da ciência". Ledo engano: estamos apenas iniciando um tormentoso caminho para a grande conquista, a publicação do trabalho.

Se a apresentação no congresso for um sucesso, tudo bem; buscaremos forças para tentar publicá-lo. Se, ao contrário, não formos bem sucedidos, surge a convicção de que tudo está perdido.

Considerando a primeira opção, o próximo passo é a descrição do estudo, fielmente respeitosa às regras editoriais do periódico. Pode ser que, nessa empreitada, seja necessário gastar mais tempo do que na própria execução do estudo. Em seguida, temos que nos preparar para o infundável troca-troca de questionamentos e respostas com os examinadores da revista. Nessa etapa, quase sempre o desgaste é tão grande que chegamos a pensar seriamente em desistir de tudo.

E então, se resistirmos, estaremos próximos da conquista? Nem sempre: provavelmente ainda sofreremos muito até obtermos a confirmação definitiva da publicação. E depois? Bom, depois da confirmação só nos resta esperar. Conforme o jornal, o período até recebimento da separata é tão longo que quase anula a originalidade do estudo.

Depois dessa saga, entretanto, a conquista faz com que o nosso nome seja marcado para a posteridade. Ninguém mais pode contestar a nossa autoridade no assunto. A glória substitui o desgaste e a obra se perpetua.

Se imaginarmos, por outro lado, que a tormentosa e ao mesmo tempo vitoriosa trajetória tivesse se restringido apenas à apresentação no congresso, certamente nos restaria o absoluto anonimato. Infelizmente, porém, este último costuma ser o destino da grande maioria dos estudos realizados em nosso meio: abandona-se tudo no início e com isso até mesmo grandes projetos acabam "virando água".

Estima-se que, no Brasil, não mais que 5% dos

trabalhos apresentados em congressos sejam submetidos à publicação. Se isso for verdade, considerando o último Congresso Brasileiro de Arritmias Cardíacas onde foram apresentados 134 abstracts, não teremos mais que 7 estudos publicados.

"A ciência não existe sem publicação", diz Sabbatini (SABBATINI, Renato. A Morte das Revistas Científicas no Brasil. Jornal Correio Popular, Campinas, 30 dez. 1998. Disponível em <<http://www.sabbatini.com/renato/correio/ciencia/cp981030.htm>> Acesso em: 20 março 2007).

Relata ainda o autor: "não adianta nada o cientista ficar mourejando por meses ou anos em um laboratório e depois guardar para si os resultados de sua pesquisa. É como se não tivesse feito nada. Tanto é assim, que a produtividade e a qualidade do trabalho de um cientista são avaliadas por seus colegas com base no número e tipos de publicações que ele fez ao longo de sua vida profissional".

Por esse motivo, Eugene Garfield fundou, na Philadelphia, o Institute for Scientific Information (ISI), um órgão especializado na edição dos chamados índices secundários (publicações que contém listas do que foi publicado nas revistas científicas). Assim, Garfield criou o índice de impacto (IP), que mede essencialmente se os trabalhos publicados num periódico são lidos e citados por outros pesquisadores. Quanto maior o IP de uma revista, maior é a qualidade dos trabalhos e a exigência à seleção e aceitação assim como melhor é a composição do conselho editorial.

No Brasil, somente sobre Medicina existem quase 400 revistas, que vão desde as restritas, editadas por universidades como USP, UNICAMP e PUCAMP, passando por periódicos de sociedades médicas como a *Reblampa*, até gigantes editoriais, que circulam em todo o mundo.

Diante dessa realidade que oferece muitas oportunidades, temos que saber escolher! Assim sendo e munidos de muita determinação, nossas chances de contribuir cientificamente e sair do anonimato passam a ser inesgotáveis.

**Martino Martinelli Filho**  
Presidente da Sociedade Brasileira  
de Arritmias Cardíacas (SOBRAC)